

**Entre a iminência do esquecimento e o retorno:
(re)significando memórias e identidades no Núcleo Celso Ramos (1990-2010)**

*Between the upcoming forgetting and the return: resignifying memory and identity in the
Núcleo Celso Ramos (1990-2010)*

Karoline Kika Uemura
Mestranda PPGH-UDESC
kikauemura@hotmail.com

Resumo: O Núcleo Celso Ramos foi fundado em 1965, atraindo imigrantes japoneses na região de Curitibanos (SC). Além da imigração ser parte das memórias que circundam o Núcleo, nas décadas de 1980 e 1990, observa-se a construção do denominado “movimento *dekassegui*”. Neste momento de intensificação do fluxo migratório, o evento *Sakura Matsuri* começa a ser organizado em meio a preocupação de esvaziamento do Núcleo. A partir da História Oral, esta comunicação tem por objetivo compreender as relações entre migração e memórias no Núcleo Celso Ramos como base da (re)construção e negociações de identidades, sustentadas por elos temporais resignificados no presente.

Palavras-chave: memórias, identidades, migração

Abstract: The Núcleo Celso Ramos was founded in 1965, attracting japoneses immigrants in the region of Curitibanos (SC). Besides the immigration being part of memories in colony, in the decades of 1980 e 1990, a construction of the movement called “dekassegui” began. At this time of migratory intensification, the Sakura Matsuri event begins to be organized, surrounding a concern of emptying of the colony. With Oral History, this communication aims to understand the connections between migration and memories in the Núcleo Celso Ramos as a basis for (re)construction and negotiation of identities, supported by temporal links resignified in present.

Keywords: memories, identities, migration

Introdução

O Núcleo Celso Ramos, fundado em 1965 no município de Curitibanos¹, constituiu-se como um dos lugares de destino de imigrantes japoneses entre as décadas de 1960 e 1970. A partir de acordos entre o Governo de Santa Catarina e acordos com outras instituições², os

¹ Desde 1995, o Núcleo Celso Ramos se encontra no município de Frei Rogério (SC), ano em que pede emancipação do município de Curitibanos.

² A atuação do Governo Estadual, na instalação desta colônia e de outras, centrava-se na articulação entre o Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (IRASC) e a Empresa Japonesa de Imigração (JAMIC), localizada em Porto Alegre (RS). Os projetos do Governo de Santa Catarina constituíam-se na formação de núcleos agrícolas formados por imigrantes japoneses, em um momento de “modernização agrícola” (MARTINELLO, 2007) no país. A partir de um recenseamento realizado pelos próprios integrantes do Núcleo

imigrantes japoneses e descendentes vieram, em sua grande maioria, de diversos Estados brasileiros, e outros, diretamente de seu país de origem em busca de novas oportunidades para a concretização de seus projetos migratórios.

Nos anos finais da década de 1980, o Núcleo Celso Ramos começa a apresentar outro movimento, um fluxo migratório rumo ao Japão, inserindo-se no cenário das migrações internacionais contemporânea. Imigrantes japoneses e descendentes começaram a migrar para o Japão em busca de oportunidades em um momento de grave crise econômica no Brasil. O Núcleo Celso Ramos, antes um lugar de imigrantes, torna-se também, um lugar de emigrantes.

A referência sobre o Núcleo Celso Ramos como um lugar de imigração e de emigração, e não exatamente de uma cidade em específico, toca na questão da identidade e laços construídos por seus integrantes. O Núcleo Celso Ramos foi fundado em um dos distritos do município de Curitiba, e a partir de então, os imigrantes japoneses e posteriormente, com as suas famílias, construíram diversas práticas que tocam na construção de identidades do/no mesmo. A partir de 1995, o distrito que fazia parte de Curitiba pede e consegue emancipação, tornando-se um município de atividades administrativas autônomas: Frei Rogério. Juridicamente, a sede do Núcleo passa a se situar neste município. Nas entrevistas, em nenhum momento aparece algum “sentimento de pertença” às cidades de Curitiba ou de Frei Rogério, talvez, não somente por causa da mudança de jurisdição da sede do Núcleo, mas também porque esta relação de pertencimento se constitui estreitamente com o Núcleo em si. Nos relatos, a expressão “colônia” ou “Núcleo Celso Ramos” aparece comumente relacionado à “cultura japonesa”.

O fluxo migratório, do Núcleo Celso Ramos para o Japão, intensifica-se na década de 1990, momento em que ocorre a primeira edição do *Sakura Matsuri* (Festa da Florada das Cerejeiras), realizada anualmente no Núcleo, desde 1997, momento em que algumas preocupações sondam o Núcleo: o esvaziamento do mesmo por conta das emigrações, preocupação observada em relatos orais. Neste contexto, quais são os significados deste esvaziamento? Quais seriam os impactos deste possível esvaziamento do Núcleo Celso Ramos? O que as memórias suscitam a respeito deste momento da década de 1990 no Núcleo? A partir da metodologia da História Oral, este trabalho tem por objetivo compreender

(OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), observa-se que há entrada de imigrantes japoneses até a década de 1970, os quais começaram a exercer atividades agrícolas, especificamente, a fruticultura e horticultura.

as relações entre migrações e memórias no Núcleo Celso Ramos, como parte das reflexões referentes ao projeto de pesquisa proposto no Programa de Pós-Graduação de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/FAED.

Um iminente esquecimento e os significados do “emigrar”

O *Sakura Matsuri* – conhecido também como “Festa da Florada da Cerejeira” (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004) – ocorre anualmente entre os meses de agosto e setembro. A festa ocorre neste período para uma possível coincidência com a florada das cerejeiras, possuindo diversos sentidos para os integrantes do Núcleo Celso Ramos. As festas realizadas nos últimos dois anos consistem em diversas apresentações de práticas culturais tais como o *Bon Odori* – uma dança de culto aos antepassados – a Cerimônia do Chá, as apresentações de *Kendô* – uma arte marcial praticada no Núcleo, o *Taikô* – apresentação de percussão – comidas e músicas “tipicamente japonesas”, entre outras atividades de interação com o público. Uma série de apresentações que ocupam os dois dias desta festa, e a atração principal não necessariamente é a floração das cerejeiras.³

O primeiro *Sakura Matsuri* foi organizado no ano de 1997, momento em que há uma movimentação crescente no Núcleo Celso Ramos: idas e vindas de japoneses e descendentes, os quais vão frequentemente ao Japão em busca de melhores oportunidades para poder fazer um “pé-de-meia”, retornando em curtos espaços de tempo. Enquanto o *Sakura Matsuri* dava os seus primeiros passos, as emigrações no Núcleo Celso Ramos tornavam-se intensas. Os descendentes de imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos, a partir do final da década de 1980, começaram a fazer parte do movimento migratório de brasileiros para o Japão, em um fluxo tímido que incluía *isseis* (nascidos no Japão, migraram ao Brasil) e *nisseis* (filhos de japoneses, primeira geração nascida no Brasil). O Núcleo, antes um lugar de imigrantes japoneses, a partir das décadas finais do século XX, passa a ser também, um lugar de emigrantes (UEMURA, 2010, p. 10).

Neste período em que ocorre a migração para o Japão, uma preocupação crescente começa a aparecer no Núcleo. Tal preocupação pode ser observada em um trecho da

³ Saídas de campo realizadas em 2009 e 2010 em Frei Rogério.

entrevista realizada com Flávia, integrante do Núcleo Celso Ramos. Aos seus 39 anos, Flávia conta sobre a emigração para o Japão durante a década de 1990: a “era de *dekasegui* enfraqueceu muito as colônias. Muitas colônias no Brasil desapareceram, porque famílias foram embora.”⁴. Flávia expressa uma preocupação sobre o “desaparecimento de colônias japonesas” no Brasil, mas também, referindo-se ao Núcleo Celso Ramos, este inserido em um momento em que imigrantes japoneses e seus descendentes tornavam-se emigrantes, seguindo rumo ao Japão. Esta preocupação a respeito do “enfraquecimento da colônia” aparece não somente no relato de Flávia como também em relatos de pessoas que permaneceram no Núcleo.⁵ Quando Vanessa decidiu ir para o Japão em 1998, aos 23 anos, disse que

algumas pessoas falam que não gostariam que fossem né, que por causa da situação eles entendiam. E também, dar aquela continuidade a tudo que eles começaram ali. Em casa, por exemplo, o meu vô na agricultura, o meu pai...mas os meu irmãos, cada um foi pro seu lado[...] acho que também, porque esquece um pouco[...]eles queriam que continuasse, um dos herdeiros... a atividade principalmente, a agricultura. Acho que eles entendem também. Cada um, cada filho quer seguir o seu caminho.⁶

A partir deste trecho da entrevista realizada com Vanessa, ela também conta sobre uma preocupação que teria circundado o cotidiano de algumas pessoas que permaneceram no Núcleo – inclusive sua família – principalmente no que concerne à “continuidade” de práticas culturais ou mesmo das atividades agrícolas. Esta preocupação pode, também, ser observada em um livro publicado em comemoração aos 40 anos do Núcleo Celso Ramos. A preocupação com um iminente esquecimento aparece em vários registros sobre o Núcleo, entre estes, o número de pessoas que haviam migrado para o Japão no início da década de 1990. Segundo este livro, na década de 1990, este fluxo intensificou-se expressivamente: em 1992, de 178 associados ao Núcleo, 53 se encontravam trabalhando no Japão (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), ou seja quase 30% dos associados. Nos relatos concedidos

⁴ Entrevista com Flávia. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitiba, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

⁵ Nove entrevistas realizadas para a pesquisa que norteou o Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2010.

⁶ Entrevista com Vanessa. [16 dez. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

entre os anos de 2009 e 2010, o impacto da emigração para o Japão a partir da década de 1980 aparece no sentido de um certo medo quanto a um “esquecimento”, a um “enfraquecimento”. A preocupação com a evasão populacional no Núcleo se acentua quando se percebe que alguns membros de algumas famílias, ou famílias inteiras começam a emigrar para o Japão.

A emigração de japoneses e seus descendentes torna-se um movimento a ser levado em consideração na construção do Núcleo Celso Ramos, já que há diversas narrativas sobre a mesma, que se encontram entre os relatos daqueles que efetivamente emigraram, como também, nas narrativas daqueles que permaneceram no Núcleo. Estas memórias sobre a emigração expressam os diversos sentidos do “emigrar”, de forma que os motivos dos entrevistados vão além das dificuldades econômicas enfrentadas no Núcleo Celso Ramos.

Flávia, ao contar sobre os seus motivos sobre a primeira vez que foi ao Japão em 1989, aos 19 anos, expressa a vontade de ver “onde meu pai nasceu”⁷, “como é a terra natal do meu pai”⁸. E a questão que surge a partir destes trechos se expressa na relação da terra natal de seus ancestrais com a “memória da imigração” construída no Núcleo Celso Ramos. Nas palavras de Solange, “eu vejo pessoas que foram apenas pra trabalhar, do que passeando, porque foi mais uma forma de sair do país, e é o país de origem dos pais, conhecer, sempre tem um outro objetivo”⁹. Se considerarmos que os entrevistados só tiveram contato com o Japão no momento em que decidem ir para “a terra de seus ancestrais [...] em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito do retorno à sua origem étnica” (SASAKI, 1999). Ao perguntar a João como imaginava o Japão, antes de se direcionar para o mesmo para realizar um estágio, ele responde que “Só na cabeça ficava rodando como poderia ser”¹⁰, já que as únicas referências que ele tinha sobre o país era o que seus pais “contavam o que era no tempo que eles saíram de lá”¹¹. Nos relatos, observa-se um imaginário sobre o país de destino sustentadas nas referências culturais construídas no Núcleo Celso Ramos, constituída nas memórias da

⁷ Entrevista com Pedro. [07 mar. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

⁸ Entrevista realizada com Flávia em 15 de dezembro de 2009. Entrevista com Flávia. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitiba, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

⁹ Entrevista com João e Solange. [26 abr. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

¹⁰idem

¹¹idem

imigração que são evocadas nos relatos dos emigrantes. A emigração de *nikkeis* (SASAKI, 1999) do Núcleo Celso Ramos está associada ao imaginário presente na “colônia” sobre o país de destino, construindo então uma conexão entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente. A memória que “preserva aquilo desde antigamente, do tempo dos pais, quando vieram do Japão”¹² passa a ser uma referência para José, ao migrar para a província de Nara, no Japão, pela primeira vez em 1999, com 22 anos. Ele diz que “quando fui lá eu achava que era parecido”.¹³ À princípio, estes fragmentos expressam não um “ir para o Japão”, mas significavam um “retorno” às origens étnicas, o encontro com um passado que se constitui das memórias de seus pais e avós, um passado que a princípio parece cristalizado. Porém, este passado, ao ser narrado no presente pelos filhos ou netos, ganham uma resignificação na expectativa de emigrar, algo que para estas pessoas, naquele momento, antes mesmo de se direcionarem ao Japão, era um futuro incerto, “como poderia ser”. O Japão “no tempo dos pais” constitui um imaginário de representações como parte da memória da imigração. A partir desta, os entrevistados constroem um campo de referenciais que torna o emigrar para o Japão como um encontro com o que lhes parece familiar.

A semântica da emigração se encontra em um processo ambíguo, no qual significa, entre as memórias compartilhadas, o “esquecimento” em relação a um conjunto de práticas culturais que poderiam ter o perigo de sua “descontinuidade” no Núcleo através de gerações. Neste sentido, uma preocupação a nível coletivo compartilhado em cada relato. Porém, a emigração significou, também, a expectativa do reencontro com a terra natal dos pais, um possível reencontro étnico-cultural, a nível individual, que não deixa de ser um desejo compartilhado nas memórias expressadas em cada relato. A emigração se constitui, também, das memórias e representações sobre um Japão inserido no processo de globalização. O conflito entre tradição e transformação aparece, no cenário deste fluxo migratório contemporâneo, de forma dinâmica que vem mesmo a questionar, por diversas vezes, ao longo dos relatos, a “origem cultural” ou o “mito do retorno à origem étnica” (SASAKI, 1999).

A preocupação expressada por Flávia e Vanessa quanto ao “esquecimento” se refere não às práticas culturais construídas pelos integrantes do Núcleo Celso Ramos como se estas

¹² Entrevista com José. [16 dez. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

¹³ idem

estivessem cristalizadas em um passado distante, mas à uma continuidade mutável, à reconstrução das mesmas ao longo das últimas três décadas, pelas quais perpassam representações e distintas identidades observadas, inclusive, no *Sakura Matsuri*. Contudo, se a emigração significou este “imminente esquecimento”, as experiências migratórias nos relatos dos entrevistados transparecem o contato com a sociedade japonesa, as comparações com o Brasil e o Núcleo, as diferenças e indiferenças.

O re(des)encontro em *Sakura Matsuri*

No final da década de 2000, após uma crise econômica que afetou diversos países a partir de 2008, observa-se o retorno de diversos migrantes brasileiros que partiram do Japão para o Brasil. Neste período, migrantes e famílias, que anos antes se direcionaram ao Japão em busca de melhores oportunidades, retornaram ao Núcleo Celso Ramos. Na continuação da entrevista, Flávia diz que

Houve uma emigração muito grande, e hoje, estão retornando. Até que eu retornei, e retornei e to contribuindo. Minha ação lá, eu sinto que o pessoal é grande, né, porque, quando eu retornei a...os eventos eram muito fracos de, digamos, em termos de participação da comunidade. As pessoas não iam, iam lá beber e pronto, só conselhos e conselhos e não saia disso aí né. Daí vindo jovens, com vontade, trazendo inovações, pessoal também começa a se motivar, então a gente sentiu.¹⁴

Maria, também integrante do Núcleo Celso Ramos, contou que havia ido ao Japão diversas vezes, entre as décadas de 1990 e 2000. Sua intenção não era se inserir no mercado de trabalho, mas realizar um curso de pós-graduação em educação física. Na entrevista, aos seus 32 anos, Maria conta a sua percepção em relação a emigração de japoneses e descendentes enquanto esteve no Brasil:

Tinha uma hora que não tinha nada pra fazer aqui. Nada, nada, nada. Não tinha nem um lugar pra ir, não tinha nem ninguém. Grupo pra sair, pra se encontrar. E agora já tem né. Então acho que isso já tá voltando um

¹⁴ Entrevista com Flávia. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitiba, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

pouquinho, sabe. Chegou uma hora que caiu, caiu, caiu, caiu...e agora tá começando a voltar.¹⁵

O relato de Flávia, como um todo, transparece a idéia de que a emigração de descendentes de japoneses poderia representar uma “ruptura” na manutenção de códigos e valores culturais no Núcleo Celso Ramos, no período que ela mesma denomina como “era *dekassegui*”. A partir destes trechos das entrevistas realizadas com Flávia e Maria, percebe-se que há um movimento de “retorno” ao Núcleo Celso Ramos. Este “retorno” não significa uma permanência definitiva, considerando que, de todas as entrevistas realizadas nas saídas de campo em 2009 e 2010, os migrantes partiram para o Japão e retornaram ao Núcleo Celso Ramos mais de uma vez, compondo um movimento contínuo até meados de 2000. O fluxo migratório entre o Núcleo e o Japão pode ser considerado intenso, não somente pelos números expressivos de migrantes, como também pelas práticas realizadas por esses sujeitos histórico-sociais, além da frequência das migrações de ida e de retorno. No entanto, em outro sentido de “retorno”, em alusão ao “mito do retorno às origens étnicas” (SASAKI, 1999), observa-se que há o questionamento sobre “origens culturais” a partir da percepção das temporalidades e de suas comparações nos próprios relatos. As memórias sobre a “era *dekassegui*”, para alguns dos entrevistados, significou a preocupação com o esvaziamento do núcleo, o iminente esquecimento, e ao mesmo tempo, a manutenção de práticas culturais. No entanto, na perspectiva do retorno ao Brasil, a migração revela o seu caráter “inovador”.

Quando José também nos conta sobre algumas diferenças percebidas em uma “cultura japonesa”, observadas durante a sua vivência no Japão, o entrevistado salienta que

tinha muitas coisas assim, que eu não conhecia também e, eu até achava que era só isso aí né, cultura japonesa. Cheguei lá, e na época a gente não fazia *taikô* aqui, tinha aqueles negócios ...*taikô*, os caras ocupavam a avenida inteira, quase que carnaval, só que organizadinho, coisa de japonês. Diferença assim, alguma diferencazinha, mas é mais... eu vi que tinha muito mais coisas novas, novas não digo, mas que eu não conhecia¹⁶

¹⁵ Entrevista com Maria e Rafael. [24 abr. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

¹⁶ Entrevista com José. [16 dez. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

O *Sakura Matsuri* já acontecia antes mesmo de José ter ido ao Japão em 1999. Em seu relato, as demonstrações dos grupos de *Taikô* no *Sakura Matsuri*, aparecem como uma prática recente, pois quando foi ao Japão em 1999, o *Taikô* não se encontrava na programação do evento realizado no Núcleo Celso Ramos. E pelo que o entrevistado sugere, não era uma prática cultural realizada no mesmo, fora dos eventos. Contudo, apresentar o *Taikô* no *Sakura Matsuri*, seria uma das práticas culturais representantes da “cultura japonesa”, perante um público que não está familiarizado ao mesmo. Nas palavras de Patricia Kobayashi, comparando os eventos realizados no Japão e aqueles realizados no Núcleo, “o espírito da coisa é o mesmo, a intenção é a mesma: divulgar a cultura, confraternizar, juntar todo mundo, se divertir, acho que o princípio é o mesmo”¹⁷.

As vivências daqueles que foram ao Japão e retornaram, permitem perceber o *Sakura Matsuri* e aquilo que ele divulga na perspectiva de práticas culturais construídas, seja a longo ou curto prazo. A princípio, quando o evento surge em um momento no qual ronda uma preocupação quanto à manutenção de “uma cultura japonesa”, o próprio evento estabelece representações desta “cultura”, que por vezes torna-se expressão da construção de identidades. Perante a um público que se direciona ao Núcleo Celso Ramos para apreciar o *Sakura Matsuri*, o evento começa a ganhar outras características.

Esta festa vem sendo comemorada em todos os anos, em agosto ou setembro, desde 1997. A sua visibilidade no início era tímida, contando com a participação de autoridades e integrantes do Núcleo Celso Ramos. Com o passar dos anos, o *Sakura Matsuri* começa a ser divulgada em periódicos, nas relações estabelecidas entre associações, ganhando atenção de cônsules japoneses, governadores e de pessoas provenientes de outras cidades de Santa Catarina e de outros Estados que se organizam em excursões para a região. Torna-se então, uma representação da presença de japoneses em Santa Catarina. A comemoração dos Cem Anos da Imigração Japonesa no Brasil dá um ritmo motivador para que a festa em 2008 com uma programação que incluía a cerimônia do chá, o *Bon Odori* (que consta na programação como uma dança japonesa), demonstrações de lutas do *Kendô* e *Bujutsu*, apresentação de *Taikô* (apresentação de percussão de tambores), a feitura do *Moti* (“bolinho de arroz”), o *yukata* (vestir kimono) visitas ao monumento do Sino da Paz (construído em homenagem às vítimas das bombas atômicas) e a presença de Yumi Inoe, conhecida como a “cantora criada

¹⁷ Entrevista com Juliana. [11 out. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

pela colônia japonesa”¹⁸, já que a mesma, há dez anos vêm realizando turnês requisitadas em várias “colônias japonesas” no Brasil, divulgando músicas japonesas no estilo Enka.

A partir dos relatos e das observações realizadas, é interessante pensar que o *Sakura Matsuri* surge em um momento em que se intensifica a emigração no Núcleo Celso Ramos. A afirmação de “identidade(s) japonesa”, neste caso, surge em um processo da construção de representações, de uma imagem que o Núcleo constrói sobre si mesmo perante a sociedade na qual se encontra. “Para os imigrantes japoneses, ‘divulgar a cultura japonesa no Brasil é difundir e cultivar pontos positivos do Japão’”(SAKAI apud WAWZYNIAK, 2008: 167-188).

No panfleto divulgado sobre 12º *Sakura Matsuri*, aparece nas últimas linhas, um convite: “venha conhecer a nossa cultura”, e abaixo deste, a programação do evento. A intenção de divulgar a “cultura japonesa” que incluísse todos esses eventos, aos olhos daqueles que vão apreciá-los dá-se a impressão de que existe uma cultura japonesa única, consensual entre todos os japoneses e descendentes no Núcleo Celso Ramos. O *Sakura Matsuri* torna-se um palco de representações, e espaço de memórias e identidades coletivamente compartilhadas, porém nunca exatamente iguais. A memória da imigração e as práticas culturais que se constroem neste espaço, expressam a impressão de sua perpetuação pelo tempo.

Esta valorização da tradição, de um retorno da história, observada pelas historiadoras Christina Scheibe Wolff e Maria Bernadete Ramos Flores, permite perceber o *Sakura Matsuri* como um momento de reafirmação de identidades, quando a memória da imigração emerge nos discursos e as apresentações culturais do evento representam a “japonicidade”¹⁹. Tais

¹⁸ TAKAHASHI, Adreano. Yumi Inoe, a cantor criada pela “colônia”. Caderno de Entrevista Zashi: In: Portal Nippo Brasil On Line. Acessível em: <http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.entrevistas/rev12.shtml>

¹⁹ Elisa Sasaki realiza um estudo, no qual o Japão, um gênero literário e acadêmico, o *Nihonjiron* (“teorias da japonicidade”) se constituiu em um discurso da diferença, exprimindo os valores “japoneses” e colocando em lados opostos o Japão e o Ocidente. O *Nihonjiron* propôs, em distintos momentos históricos, um debate, se não um embate, sobre aquilo que seriam “aspectos típicos japoneses”, uma seleção daquilo que caberia dentro de um “autêntico japonês”, de “uma tradição japonesa”. A partir da pesquisa da mesma autora, nas diferenças com o Ocidente, e logo depois, particularmente com o Estados Unidos (e vice-versa), o Japão construiu aquilo que seria a sua “integridade identitária”, de acordo com os contextos no qual vivia, o antes, o durante e o pós guerra. Uma identidade, a qual estava associada à homogeneização e enaltecia o nacionalismo, chegando à comercialização deste “nacionalismo japonês” nas décadas anteriores e seguintes à Segunda Guerra Mundial. Sasaki salienta que a “‘japonicidade’ tem que ser ‘imaginada’ pelos ‘Outros’ [aquele que se construiu como Ocidente], assim como pelos seus próprios membros, embora diferentemente”.¹⁹ (SASAKI, 2009). Nesta perspectiva, da mesma forma que o Japão constrói esta “japonicidade” ao longo do século XX, aqueles que integram o Núcleo Celso Ramos, “imaginam a japonicidade”, na construção de identidades, a partir das diferenças encontradas na sociedade brasileira, que mesmo não sendo explicitada pelos entrevistados, aparece no silêncio sobre esta questão nas entrevistas.

prática culturais e o evento em si podem ser referidas como “tradições inventadas”, termo que o historiador Hobsbawm nos apresenta,

utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construída e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBSBAWM; RANGER, 1984)

Contudo, se o *Sakura Matsuri* expressava a construção e a afirmação de identidades em seu início, momento em que o medo do “esquecimento”, do “esvaziamento” sondava o Núcleo Celso Ramos, percebe-se também que o evento era passível de transformações e modificações. As representações culturais do “que é ser japonês”, ou mesmo as práticas histórico-sociais se transformam a partir da vivência, das percepções daqueles que se direcionaram ao Japão e retornaram, como por exemplo, a inclusão do *Taikô*, que até o final da década de 1990 não era praticado no Núcleo. Além disso, o *Sakura Matsuri* começa a ganhar, ao longo das treze edições, um caráter divulgativo e torna-se, também, um espaço de relações políticas.

Da mesma forma em que há “japonicidades” sendo representadas no evento do *Sakura Matsuri*, as memórias a respeito do Núcleo Celso Ramos são expressadas, também, em entrevistas, revelando que falar sobre si sempre significa estabelecer relações com o contexto no qual vive e com o grupo com o qual convive. Falar de si, significa, também, falar sobre outros. Nas palavras de Henry Rousso, o atributo da memória mais imediato é “garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”. (ROUSSO, 2006, p.94-95).

Nas palavras de João, migrante que se direcionou ao Japão em 1996 quando tinha 40 anos, e retornou em 1999 para o Núcleo Celso Ramos:

é porque eu, assim...tem a comunidade...aqui, se sair fora ela, pessoal sai muito,ela vai se desligar, né. Então, tando no meio, pelo menos dá a continuidade nos eventos culturais, né. Então dentro disso vai aprendendo e vai passando. Sem o Núcleo aqui, vai distanciando, cada um vai esquecendo as culturas...a cultura em si, a cultura japonesa. Se você sair, ficar afastado,

já não tem o seu...já não vai praticar, não vai participar no meio né. Então vai se distanciando, por mais que se conheça.²⁰

Por mais que o relato seja individual e único, a narrativa se constrói a partir de memórias compartilhadas, constituídas das diversas representações a respeito da “japonicidade” no Núcleo Celso Ramos.

A partir das palavras da historiadora Jacy Alves de Seixas, “a memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente atualizando-o; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar da descontinuidade” (2004, p.50). Uma atualização do passado no presente, na qual as memórias que representam este passado não o tratam como repetição, mas sim, como inovação. Esta dinâmica da memória frequentemente aparece nos relatos, a partir das resignificações das memórias da imigração e da emigração. A narrativa se constrói em um presente não marcado apenas de instantes, mas pelo relampejar de memórias que dão profundidade, a dimensão de um tempo espesso, de oceanos que envolvem passado, presente e futuro, no qual o pescador de pérolas que mergulha nas profundezas do passado, trazendo-o para uma resignificação à superfície do presente (AREND, 2008). As resignificações se constituem e visam a construção de identidades, de um Núcleo visto como “comunidade”, e mais do que isto, uma “comunidade de japoneses”, por mais que se reconheça diferenças e uma diversidade de representações sobre a japonicidade.

Considerações finais

As migrações entre o Núcleo e o Japão são permeadas por memórias e representações as quais transparecem das vivências daqueles que foram ao Japão e retornaram, como também, das experiências daqueles que permaneceram no Núcleo. Dentre estas memórias, a comemoração do *Sakura Matsuri* emerge como um espaço de construção de representações e identidades as quais foram/são “reinventadas” ao longo das treze edições da festa. A princípio, quando o evento surge em um momento no qual ronda uma preocupação quanto à manutenção de “cultura japonesa”, o próprio evento estabelece representações desta “cultura”, que por vezes torna-se expressão de identidades e memórias compartilhadas e reinventadas.

²⁰ Entrevista com João e Solange. [26 abr. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

A preocupação em relação ao esquecimento daquilo que fez-lhe parte da vida, aqueles que compartilham as suas memórias com o pesquisadora trazem a mesma preocupação ao longo de sua fala. O “esquecer a cultura japonesa”, uma preocupação que se encontra entre os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos e mesmo entre os seus descendentes, os quais constroem e reconstroem os valores e as práticas culturais japonesas em uma tentativa de manter sempre vivo um passado pautado em tradições. Esta iminência do esquecimento aparece não somente presente em uma memória individual, mas também está presente na construção de memórias coletivamente compartilhadas. É no medo desse esquecimento que os imigrantes japoneses e seus descendentes irão afirmar valores, (re)construir, negociar aquilo que compartilham ou consideram “cultura japonesa”, em um processo de “reordenamento, de reconstrução das lembranças, porque a dinâmica das múltiplas temporalidades interfere no ato de relembrar” (DELGADO, 2006), as memórias tornam-se plurais, possuindo diversos significados. Para além de um evento no qual observa-se a afirmação de identidades, o *Sakura Matsuri* tornou-se um espaço dinâmico de divulgação de representações construídas perante à comunidade brasileira.

Assim como Alessandro Portelli salienta que a memória individual se constrói em uma coletividade compartilhada, Stuart Hall problematiza que mesmo que o indivíduo possua uma identidade individual, assim o constrói, pois vê a si mesmo como membro de uma sociedade. Ambos pesquisadores dialogam, na medida em que a memória e identidade partem da (con)vivência em uma determinada sociedade, na qual as experiências individuais se inserem. Os migrantes que se direcionam ao Japão no final do século XX e no início do XXI também nos trazem memórias plurais a respeito de uma “cultura japonesa”, a qual, apesar de ser um termo generalizante, encontra também comparações e diferenças a partir dos relatos individuais. As memórias individuais compartilham este imaginário sobre o Núcleo, a cultura japonesa, as memórias da imigração constituídos de diversas, e por vezes, distintas representações que visam a “construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades” (CHARTIER, 1989).

A semântica da emigração se encontra no “esquecimento” e no “reencontro” do que os entrevistados imaginam ser “a origem cultural” como centro da construção de suas identidades: um passado que não pode ser deixado de lado, que não pode pertencer aos mortos, mas sim, deve pertencer aos vivos em sua resignificação no presente. Isto se expressa no medo do esquecimento no presente (o presente da emigração) que remete ao futuro

expressado pela preocupação com a continuidade. O presente, no qual se encontra o esquecimento, alimenta a vontade de “se reencontrar culturalmente” para estabelecer continuidades. “Emigrar”, então, significa o iminente esquecimento no presente que alimenta o futuro incerto. Em outras palavras, o medo de que o passado não seja significativo no presente, tornando o futuro incerto, pois, sem este passado resignificado, não haveria a esperança de futuro.

A partir dos relatos orais, os quais expressam experiências e percepções de emigrantes e daqueles que permaneceram no Núcleo, observa-se que, além desta preocupação, algumas representações e interpretações a respeito do “que é ser japonês” são expressas nas entrevistas, estabelecendo relações com o *Sakura Matsuri*. Neste mesmo sentido, as experiências do retorno destes migrantes ao Núcleo Celso Ramos também expressam impactos quanto às memórias e (re)construções de práticas culturais. Estas experiências – da imigração, da emigração e do retorno – estabelecem conexões entre temporalidades através da (re)construção de memórias, as quais perpassam estes dois fluxos de imigrantes (para Santa Catarina) e de emigrantes (para o Japão); memórias, por vezes dissonantes, que entram em conflitos, e que, por vezes, entrelaçam-se e são compartilhadas em narrativas; memórias as quais resignificam o passado no presente despertados por um anseio sobre o futuro. A partir das entrevistas, o Núcleo Celso Ramos pode ser considerado um espaço de construção de conexões de temporalidades expressas através de memórias que situam as práticas culturais e representações de “um passado”, resignificado no presente no qual emerge o anseio do futuro incerto.

Fontes Oraís

Entrevista com Flávia. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitiba, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com João e Solange. [26 abr. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com José. [16 dez. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com Juliana. [11 out. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com Maria e Rafael. [24 abr. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com Pedro. [07 mar. 2010] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Entrevista com Vanessa. [16 dez. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2010. Projeto de pesquisa “Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)”.

Referências

AREND, Hannah. Homens em tempos sombrios. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.p.165-222.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre práticas e Representações. Tradução de Maria M. Galhardo. Lisboa: Difel, 1989.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica,2006.

HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. O.A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARTINELLO, André Souza. Política Agrária e Imigração nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961-1978). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko e YAMAMOTO, Kazunori (organizadores). O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos. Curitiba (SC); Florianópolis: Associação Cultural Brasil-Japão de Núcleo Celso Ramos – Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC), 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, abril de 1997, vol. 15.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.93-101.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SASAKI, Elisa M. Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs) Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001, p.37-58.

TAKAHASHI, Adriano. Yumi Inoe, a cantor criada pela “colônia”. Caderno de Entrevista Zashi: In: Portal Nippo Brasil On Line. Acessível em: <http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.entrevistas/rev12.shtml>

UEMURA, Karoline K. Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009). 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. A “Colônia” como representação: Imigração Japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; OKAMOTO, Monica Setuyo; TANNO, AJnete Leiko (orgs). Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.167-188.

WOLFF, Cristina Scheibe, FLORES, Bernadete Ramos. A *Oktoberfest* de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Canoas: Editora da ULBRA, 1994. p. 209-220.